

## Considerações sobre o romance brasileiro de temática homoerótica: 1990 a 2020<sup>1</sup>

Leandro Henrique da Silva Souza<sup>2</sup>  
Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo objetiva analisar a relação entre a temática homoerótica, o gênero romance e o mercado editorial a partir da construção de um panorama de obras literárias do gênero romance que tematizam a diversidade sexual no Brasil, publicadas no período de 1990 a 2020. Por meio de uma abordagem diacrônica, utilizamos compêndios literários, buscadores da web e redes sociais para catalogar essas obras e associar a quantidade encontrada ao perfil de publicação das editoras. Com base teórica fundamentada nos estudos de gênero e interculturalidade, por Abreu (2006, 2008, 2020), Dalcastagnè (2005, 2012), Fernandes (2009, 2012, 2015, 2017) e Louro (2004), a discussão apresentada neste trabalho envolve aspectos sócio-históricos e políticos, como a omissão e censura dessas obras no cânone literário; o impacto da epidemia do vírus HIV na produção literária que representa as minorias sexuais; e a transição do romance de gênero marginal a maior gênero narrativo da contemporaneidade. A partir das nossas buscas, chegamos ao resultado de 107 obras, sendo 18 destas, romances publicados na década de 1990; 40 romances publicados na década de 2000; e 49 obras também do gênero romance publicadas na década de 2010.

**Palavras-chave:** Literatura homoerótica. Romance. Cânone literário. Mercado editorial.

### Considerações iniciais

A relação entre literatura e ideologia é fulcral para os estudos literários. É através da primeira, como espaço de manifestação individual e subjetiva permeada por coletividades, que a segunda admite a oportunidade de consolidar-se no imaginário cultural de uma sociedade. Textos literários, portanto, são atravessados, immanentemente, por discursos que se (des)encontram no espaço ideológico e projetam, por intermédio do contexto, a trajetória das múltiplas configurações do organismo social.

Tais textos, mesmo em sua ficcionalidade, exploram as inúmeras faces da experiência humana, transformando-as em produtos verossímeis, com os quais se torna possível estabelecer diferentes relações de sentido pautadas por práticas comuns. Uma destas grandes esferas temáticas concentra-se na representação do desejo como propulsor de relações afetivas e/ou sexuais. No entanto, ao longo da história literária do Brasil, títulos, personagens, e até mesmo autores que destoam das expectativas canônicas e representam a diversidade sexual são

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado de parte da pesquisa **Panorama da literatura brasileira que tematiza a diversidade sexual no tempo presente (1990-2020)**, desenvolvida com apoio do PIBIC-UFPE.

<sup>2</sup> Graduado em Letras pela Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

<sup>3</sup> Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, Professor da UFPE.

omitidos e censurados, uma vez que esse sistema é regulado pelo propósito mantenedor do poder hegemônico.

Tendo em vista a importância do espacotextual em que se materializam essas narrativas desviantes, propriamente as homoeróticas, o gênero romanesco mostra fecundo para a presente pesquisa por alguns aspectos. Primeiramente, o romance possibilita maior nível de identificação do leitor para com o sujeito ficcional. Além disso, seu deslocamento histórico, desde sua ascensão reprimida no século XVIII até tornar-se o gênero narrativo mais consumido da atualidade, possibilita o encontro entre a proposta questionadora do gênero e da temática das obras.

Por essa razão, através de uma abordagem diacrônica acerca dos romances que tematizam a diversidade sexual, especificamente dentro do recorte feito entre as décadas de 1990 a 2020, nosso objetivo é realizar a catalogação dessas obras, de modo a incluir a histórico-criticidade que as situam enquanto produtos culturais, e perceber as transformações que ocorreram no mercado editorial ao longo desse período.

Partindo de discussões teóricas acerca da constante marginalização da temática homoerótica, se faz fundamental adotar uma postura crítica em relação aos critérios de canonização das obras na história da literatura brasileira e observar que as ordens social, política e econômica regem esse processo. Portanto, o poder material, intelectual e simbólico concentrado em um pequeno grupo de homens, em sua maioria, brancos, heterossexuais e de camadas financeiramente abastadas, transforma a literatura em um instrumento de poder utilizado pelas classes dominantes sobre as minorias sociais, como bem explica Dalcastagnè (2012, p. 12): “Afinal, a definição de literatura circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros, o que significa que determinadas produções estão excluídas de antemão.”

Ainda assim, por entre diferentes estratégias de invisibilização dessas produções, principalmente em contextos historicamente repressivos, mediante as consequências censórias da ditadura militar e a patologização dos sujeitos de sexualidade desviante durante a epidemia de AIDS na década de 80, essa literatura mostra-se produtiva enquanto registro das mudanças comportamentais nas linhas de representação da comunidade LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros, Transsexuais, Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais)<sup>4</sup>.

Além disso, a coexistência dos discursos repressivos e subversivos nos espaços midiáticos influenciou na receptividade dessas temáticas pelo mercado editorial e

---

<sup>4</sup> Decidimos utilizar esta sigla na pesquisa devido à possibilidade de inclusão de outros grupos dentro da comunidade a partir do “+”.

consequentemente afetou a relação dessas obras com o público. À vista disso, buscamos compreender, através do levantamento de dados encontrados em compêndios historiográficos da literatura brasileira, buscadores da web e mídias sociais, de que forma essas mudanças ocorreram, utilizando o método quanti-qualitativo para esta análise.

### **Fundamentação teórica**

A base da nossa pesquisa constitui-se por intermédio dos estudos de gênero, sexualidade e interculturalidade. Como resultado das leituras, mais especificamente consoante Dalcastagnè (2005), partimos da ideia de literatura como elemento constituído do processo de legitimação e reconhecimento das múltiplas identidades, uma vez que está situada em contextos também culturalmente diversos.

Diante dessa noção, o gênero romance é um desses espaços que, em sua essência, garante manifestação da subjetividade humana e explora o conceito de alteridade através da representação ficcional de sujeitos e práticas outras que não do leitor, evocando a consciência coletiva e a interdependência dos indivíduos em um complexo organismo social. Segundo Dalcastagnè (2005):

Ao interromper suas atividades e abrir um romance, o leitor busca, de alguma maneira, se conectar a outras experiências de vida. Pode querer encontrar ali alguém como ele, em situações que viverá um dia ou que espera jamais viver. Mas pode ainda querer entender o que é ser o outro, morar em terras longínquas, falar uma língua estranha, ter outro sexo, um modo diferente de enxergar o mundo. O romance, enquanto gênero, promete tudo isso a seus leitores – que podem ser leitoras, que têm cores, idades, crenças, instrução, contas bancárias, perspectivas sociais muito diferentes entre si. Portanto, a promessa de pluralidade do romance, um sistema de “representações de linguagens”, nos termos de Bakhtin, envolve não só personagens e narradores(as), mas também seus(suas) leitores(as) e autores(as). Reconhecer-se em uma representação artística, ou reconhecer o outro dentro dela, faz parte de um processo de legitimação de identidades, ainda que elas sejam múltiplas. Daí o estranhamento quando determinados grupos sociais desaparecem dentro de uma expressão artística que se fundaria exatamente na pluralidade de perspectivas. (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 14)

A falha dessa articulação, entretanto, é prevista e necessária aos cânones literários, especificamente o cânone literário brasileiro. De acordo com Fernandes (2014), o cânone exibe posturas conservadoras e politicamente perpetuadas por discursos reguladores, tornando explícito o heterocentrismo que rege esse sistema, mediante a exclusão de obras que narram o homoerotismo no romance nacional:

As formas de ele (o cânone) ser descrito, caracterizado, conceituado alicerçam-se em ideias que nos soam como se ele fosse invisível, impalpável. Esta discussão parece,

muitas vezes, recair numa abstração de manifestação do poder, embora detentora do controle sobre o corpus oficial da literatura brasileira.(FERNANDES, 2014, p. 202)

Em função disso, consoante a perspectiva proposta por Louro (2004), adotamos uma perspectiva irreverente ao cânone enquanto sistema excludente, dessa forma, o propósito maior da catalogação não se concentra na aceitação destas obras pela grande elite literária, mas na extroversão e sociabilidade desses títulos com leitores e pesquisadores em geral.

Considerando nosso recorte temporal de pesquisa e a dinâmica de publicação dessas obras, outro fator importante deve ser considerado, em razão de sua participação e mediação no contato entre os títulos e o público leitor: o mercado editorial. Por essa razão, também utilizaremos em nossa discussão propostas feitas por Dalcastagnè (2012) para analisar a postura das três maiores casas de publicação do país, ou seja, Companhia das Letras, Record e Rocco, perante obras que tematizam a diversidade sexual no contexto contemporâneo.

Por fim, é preciso nos situar quanto à adoção dos termos neste trabalho e compreender as implicações sociais, políticas e linguísticas que eles carregam, alegando seus papéis na abolição do estigma criado sobre indivíduos de sexualidades desviantes. Para isso, consideramos que os processos de significação das palavras concentram processos históricos e, mesmo após modificações de sentido ao longo do tempo, apresentam marcas que carregam discursos ideológicos.

Assim como outros termos utilizados para denominar relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo, “homossexual” passou a ser difundido e usado de forma recorrente, a partir do século XIX, devido ao seu cunho científico. De acordo com Fernandes (2015), foi criado pelo médico Karl Maria Kertbeny para designar uma doença, o que fez com que o estigma se expandisse para além do campo moral-religioso, atingindo, principalmente, o campo médico-científico.

Em consequência dessa transição, Trevisan (2000, p. 204 apud FERNANDES 2015, p. 22) aponta o descaso com que os indivíduos passaram a ser tratados. O diagnóstico tinha como função classificá-los em quadros de loucura, inversão sexual e doença mental e o resultado disso ficava na responsabilidade de psiquiatras que trancafiavam os “pacientes” em hospitais psiquiátricos com a finalidade de convertê-los em “pessoas normais” a partir de tratamentos psicológicos e físicos totalmente invasivos:

Se nas mãos do juiz o condenado cumpriria uma sentença delimitada, que possibilitava inclusive obtenção de liberdade condicional ou redução da pena, nas mãos do psiquiatra o “louco moral” não tem sequer uma sentença que estabeleça prazos ou limites contra a qual se possa recorrer. Sua liberdade depende direta e exclusivamente da opinião onipotente do médico, que pode obrigá-lo a continuar o

“tratamento” pelo resto da vida. (TREVISAN, 2000, p. 204 apud FERNANDES 2015, p. 22)

Apesar das divergências quanto ao termo “homossexual” e suas implicações de uso, o que se pode afirmar é que se tornou habitual utilizá-lo, e ao longo do tempo ele foi perdendo sua conotação negativa e associação com o patológico. Contudo, a ideologia opressora velada nesse vocábulo e sua presença no nosso léxico não pode ser postergada.

Por esse motivo, nossas preferências teóricas vão de encontro a proposta de Costa (1992, apud Fernandes 2015) que surge com um novo termo para se referir a indivíduos que

<b>Título</b>	<b>Autor (a) (es) (as)</b>	<b>Ano</b>	<b>Editora</b>	<b>Quantidade de obras encontradas</b>
---------------	----------------------------	------------	----------------	--

se relacionam com outras do mesmo sexo. “Homoerotismo”, substituindo “homossexualismo”, seria a substituição adequada porque rejeita o cunho negativo e discriminatório atribuído pelo discurso médico-científico e sugere maior pluralidade de subjetividades a partir das mais variadas vivências nos mais diversos contextos. Por essa razão, em um contexto pós-moderno, consideramos os termos homoerotismo/homoerótico como mais apropriados no desenvolvimento deste trabalho.

### **Resultados e discussão**

Inicialmente, um objeto muito visado na sondagem das obras foi o compêndio historiográfico da literatura brasileira por conter aspectos históricos que facilitaram o acesso às informações e ajudaram a construir o panorama: nome de autores, títulos de obras, comentários sobre as obras mais importantes de autores e estilos de época, marcação temporal para surgimento e cristalização de escolas ou estilos de época, dados bibliográficos sobre autores, bem como posição social, influência cultural e dados relativos aos papéis e lugares sociais ocupados pelos que estão inscritos no cânone literário.

Diante da nossa busca, porém, nada foi encontrado em nenhum destes compêndios. A razão dessa falta de dados está associada à omissão e censura de informações nas análises literárias das obras que formam o cânone brasileiro. Com o intuito de manter a hegemonia cultural centrada em padrões heterossexuais, os críticos acabam por camuflar aspectos identitários de personagens e autores. O quadro abaixo expressa esse apagamento:

#### **Quadro 1: Compêndios da literatura brasileira analisados**

<i>História da literatura brasileira</i>	José Veríssimo	1998	Record	0
<i>Antologia comentada de literatura brasileira: prosa e poesia</i>	Zélia Thomas de Aquino Zina C. Bellodi Magaly Trindade Gonçalves	2006	Vozes	0
<i>História concisa da Literatura Brasileira</i>	Alfredo Bosi	2006	Cultrix	0
<i>A Literatura Brasileira Através dos Textos</i>	Massaud Moisés	2007	Cultrix	0
<i>História da literatura brasileira: da carta de Caminha aos contemporâneos</i>	Carlos Nejar	2011	Leya	0
<i>Escritores brasileiros do século XX (um testamento crítico)</i>	Nelly Novaes Coelho	2013	Letras Selvagens	0

**Fonte:** Panorama da literatura brasileira que tematiza a diversidade sexual no tempo presente (1990-2020)

Como exemplo dessa omissão, podemos ver em Fernandes e Silva (2014) que em *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa, por exemplo, o desejo homoerótico não concretizado entre as personagens Diadorim e Riobaldo é totalmente ignorado, e até mesmo estranhado ao ser utilizada a expressão “estranha afeição” por Moisés (2007). Portanto, o discurso canônico se esforça a desviar um tema importante na construção das personagens, mudando o foco para o valor estético atribuído à obra e negando estes aspectos fundamentais do desenvolvimento do enredo.

Além das estratégias de omissão em relação a partes essenciais do enredo, deixando implícita a presença de subjetividades homoeróticas, a desvalorização da produção cultural não-hegemônica também acontece pela negatividade conotativa e julgamento moral. Segundo Fernandes (2014), um caso que retrata de forma satisfatória essa questão é quando Alfredo Bosi se refere ao romance “Bom-Crioulo” de Adolfo Caminha, utilizando palavras como ‘escabrosos’, e logo no trecho seguinte elogia a ‘construção de um tipo’, mas logo após atribui a passionalidade do personagem à ‘perversão’.

E ainda sobre os critérios utilizados pelo cânone para supervalorizar uma obra, Abreu (2006, p. 41) coloca: “O prestígio social dos intelectuais encarregados de definir *Literatura* faz que suas ideias e seu gosto sejam tidos não como uma opinião, mas como a única verdade, como um padrão a ser seguido”. Portanto, temáticas e sujeitos situados às margens da sociedade são prontamente excluídos do fazer literário.

Após a frustração durante essa parte da pesquisa, partimos para os buscadores da web e as mídias sociais. Diante dos dados coletados, construímos uma tabela por década para organizar e situar as obras por critérios de autoria, ano de publicação e editoração.

Com base em Fernandes (2009), a década de 90 ficou marcada pelo começo de uma comercialização da causa LGBT+, apesar de ainda refletir os estigmas consolidados nos anos anteriores pela ditadura militar e, principalmente pela recente epidemia de AIDS. Desse modo, os indivíduos homoeróticos foram sendo inseridos no mercado, tanto através do crescimento de representação em novelas, quanto na criação de editoras voltadas especificamente para a temática gay, culminando assim no crescimento do número de publicações de obras dessa natureza como mostra o quadro abaixo:

**Quadro 2:** Obras encontradas do gênero romance que foram publicadas no contexto da década de 1990.

<b>Título</b>	<b>Autor (a) (es) (as)</b>	<b>Ano</b>	<b>Editora</b>
1. <i>Véspera de lua</i>	Rosângela Vieira Rocha	1990	Editora da UFMG
2. <i>Aquele rapaz</i>	Jean Claude-Bernardet	1990	Brasiliense
3. <i>Livro do avesso</i>	João Silvério Trevisan	1992	Ars Poética
4. <i>Pecados safados</i>	Beti Brown	1995	Rosa dos tempos
5. <i>Os bêbados e os sonâmbulos</i>	Bernardo Carvalho	1996	Companhia das Letras
6. <i>A última canção de Bernardo Blues</i>	Waldir Leite	1997	Francisco Alves
7. <i>O amor não escolhe sexo</i>	Giselda Laporta Nicoletis	1997	Moderna
8. <i>As aventuras de um garoto de programa</i>	Phil Andros	1998	GLS
9. <i>Duas Iguais</i>	Cintia Moscovich	1998	LP&M Editora
10. <i>Marca de nascença</i>	Odette Mutto	1998	Scorterci
11. <i>O terceiro travesseiro</i>	Nelson Luiz de Carvalho	1998	GLS
12. <i>Preciso te ver</i>	Stella Ferraz	1999	Brasiliense
13. <i>Um estranho em mim</i>	Marcos Lacerda	1999	Editora da UFPB
14. <i>Cinema Orly</i>	Luís Capucho	1999	Interlúdio
15. <i>Postal de Alice Springs</i>	Dianna Simmonds	1999	GLS
16. <i>Nicola, um romance transgênero</i>	Danilo Angrimani	1999	GLS
17. <i>Cão danado solto na noite</i>	Ricardo Thomé	1999	Razão Cultural
18. <i>Na companhia dos homens</i>	Alexandre Ribondi	1999	GLS

**Fonte:** Panorama da literatura brasileira que tematiza a diversidade sexual no tempo presente (1990-2020)

Internamente aos dados do quadro acima, estão implícitos os processos históricos pelos quais a temática homoerótica passou ao longo das duas décadas anteriores e como esses afetaram a quantidade de obras catalogadas neste período.

Segundo Fernandes (2009), a década de 80 ficou marcada pelas primeiras aparições da AIDS no Brasil e sua associação aos indivíduos de sexualidade excêntrica, feita pela mídia sensacionalista, fez com que um estigma fosse criado sobre a comunidade gay, uma vez que o caráter punitivo foi atribuído à doença pelo discurso religioso.

Além de afetar em como esse grupo foi representado em obras da literatura brasileira, esses momentos históricos influenciaram diretamente no mercado editorial. Por isso, podemos observar que o “surto” do HIV refletiu diretamente até os anos seguintes, culminando no fato de que pouco conteúdo homoerótico era publicado pelas editoras. A maior quantidade de publicações foi feita pela GLS, uma editora voltada para o público gay, enquanto em grandes companhias de publicação constam pouquíssimos títulos, como *Troços e destroços* de João Silvério Trevisan, publicado pela Record; *Os bêbados e os sonâmbulos* de Bernardo Carvalho, lançado pela Companhia das Letras e *Keith Jarrett no Blue Note, improvisos de Jazz* de Silvano Santiago publicado pela Rocco em 1996.

Entretanto, se na década de 90, o romance já havia adquirido um grande espaço nas prateleiras das livrarias e no mercado editorial, na década seguinte essa mudança começou a firmar-se cada vez mais como o maior gênero narrativo, atribuindo-lhe um enorme valor mercadológico. A tabela a seguir evidencia isso:

**Quadro 3: Obras encontradas do gênero romance que foram publicadas no contexto da década de 2000.**

<b>Título</b>	<b>Autor (a) (es) (as)</b>	<b>Ano</b>	<b>Editora</b>
19. <i>A vila das meninas</i>	Stella Ferraz	2000	Brasiliense
20. <i>Crime de honra (reedição)</i>	Cassandra Rios	2000	Brasiliense
21. <i>No calor de Zanzibar</i>	Alex Von Mann	2000	GLS
22. <i>O menino que brincava de ser</i>	Georgina Costa Martins	2000	DCL
23. <i>Menino ama menino</i>	Marilene Godinho	2000	Armazém de ideias
24. <i>Uma questão de amor</i>	Saxon Bennett	2000	GLS
25. <i>Pássaro rebelde</i>	Stella Ferraz	2001	Brasiliense
26. <i>Um ano, dois verões</i>	Bertha Sollares	2001	Brasiliense
27. <i>O último dia de outono</i>	Valéria Melki Busin	2001	GLS
28. <i>Desclandestinidade</i>	Pedro Almeida	2001	GLS
29. <i>O efeito urano</i>	Fernanda Young	2001	Rocco
30. <i>Apartamento 41</i>	Nelson Luiz de Carvalho	2001	Mandarim
31. <i>Dores, Amores e Pincéis</i>	Bertha Sollares	2002	Brasiliense

32. <i>Berkelley em Bellagio</i>	João Gilberto Noll	2002	Francis
33. <i>O vôo do equilibrista</i>	Jandira Gualberto e Monique Derivo	2002	Brasiliense
34. <i>Lua de Prata</i>	Valéria MelkiBusin	2003	GLS
35. <i>Olívio</i>	Santiago Nazarian	2003	Talento
36. <i>Abra e entre</i>	Gisele Joras	2003	Landscape
37. <i>São Paulo 1930: um romance proibido</i>	Fabício de Oliveira	2004	Eterna
38. <i>Vitrine humana</i>	Silvio Cerceau	2004	-
39. <i>Feriado de mim mesmo</i>	Santiago Nazarian	2005	Planeta
40. <i>Deixei ela lá e vim</i>	Elvira Vigna	2006	Companhia das Letras
41. <i>Longa carta para Mila</i>	Andréa Ormond	2006	GLS
42. <i>Uma bebida e um amor sem gelo, por favor</i>	Liliane Prata	2006	Marco Zero
43. <i>A inevitável história de Letícia Diniz</i>	Marcelo Pedreira	2006	Nova Fronteira
44. <i>Amores no masculino</i>	André Ranzatti	2006	-
45. <i>Matéria Básica</i>	Marcio El-Jaick	2007	GLS
46. <i>Cartas Marcadas</i>	Edson Gabriel e Antonio Gil Neto	2007	Cortez
47. <i>Rato</i>	Luís Capucho	2007	Rocco
48. <i>Música para quando as luzes se apagam</i>	Ismael Caneppele	2007	Jaboticaba
49. <i>As flores do jardim da nossa casa</i>	Marco Lacerda	2007	Terceiro Nome
50. <i>Victória alada</i>	Lara Luna	2007	-
51. <i>Acenos e afagos</i>	João Gilberto Noll	2008	Record
52. <i>No presente</i>	Marcio El-Jaick	2008	GLS
53. <i>As guardiãs da magia</i>	Lúcia Facco	2008	Malagueta
54. <i>Depois de sábado à noite</i>	Kiko Riaze	2008	Fábrica de Leitura
55. <i>Amor a três</i>	Flávio Braga e Regina Navarro Lins	2008	Best Seller
56. <i>Com os pés na água</i>	Mário Lima	2008	Scortecci
57. <i>Anatomia da noite</i>	Marcio El-Jaick	2009	GLS
58. <i>Da vida dos pássaros</i>	Alexandre Ribondi	2009	GLS

Fonte: Panorama da literatura brasileira que tematiza a diversidade sexual no tempo presente (1990-2020)

Um dos motivos do crescimento do gênero romance se firma na percepção do sujeito ficcional como passível de identificação no nível psicológico, fator que está presente na história do gênero romance e sua ascensão no século XVIII. Segundo Watt (1957), o romance foi um reflexo da reorientação de uma cultura, que remoldava-se de forma a introduzir uma futura concretização dos valores individualistas e inovadores da época.

Essa forma literária voltava-se ao próprio indivíduo buscando descrever suas complexidades e subjetividades inseridas em narrativas cada vez mais situadas na experiência humana, se distanciando dos padrões renascentistas e das tendências de reproduzir enredos de epopeias clássicas, o que começou a marcar um desejo de originalidade e abertura à novas possibilidades no campo dos gêneros literários.

Apesar de essa proposição nos parecer positiva, essa nova perspectiva foi responsável pelo começo de uma grande discussão teórica que dominou diversas revistas literárias e periódicos europeus. As principais objeções se deram a partir da preocupação com os limites entre ficção e realidade, que poderiam ser confundidos a partir da criação de narrativas fantasiosas situadas no passado, mas principalmente com a possível corrupção moral na formação dos jovens pelo contato com enredos considerados desviantes.

Esses desvios configuravam-se em problemas porque favoreciam ao público maior chance de contato com cenas de sodomia, adultério, crimes e sedução. Sobre isso, Abreu et al. (2005) discorre:

Os detratores do romance imaginavam que o contato com essas situações pecaminosas e com essas interpretações peculiares alteraria a percepção do mundo e o conjunto de valores pelos quais as pessoas deveriam se pautar a fim de pôr freio a seus piores impulsos. Imaginava-se que este tipo de leitura seria ainda mais perigosa quando realizada por mulheres – seres governados pela imaginação, inclinados ao prazer, e sem ocupações sólidas que os afastassem das desordens do coração. A leitura de romances serviria apenas para aumentar o império dos sentimentos e da imaginação sobre seu espírito. (ABREU et al. 2005, p. 3)

Entretanto, apesar desse argumento ter sido utilizado pelos detratores do romance, os entusiastas procuravam refutá-los, ao dizer que as narrativas excêntricas poderiam ser vistas como uma oportunidade do leitor de adentrar aquele universo imaginativo e experimentar vivências sem correr riscos, portanto, aquelas ações gerariam reflexões acerca das consequências das ações que se afastam do âmbito da virtude.

Segundo Abreu (2008), as justificativas externas tornaram-se bastante comuns pelos romancistas e críticos, que passaram a apoiar-se em questões sociais de uma literatura funcional que consistia na manutenção dos bons costumes e da erudição dos leitores: “Nos séculos XVIII e XIX, um dos quesitos mais presentes na avaliação da qualidade de um romance era a moralidade interna à narrativa e sua capacidade de provocar comportamentos virtuosos nos leitores.” ABREU (2008, p. 16)

Além disso, por ser um país recém independente no século XIX, alguns escritores passaram a utilizar o gênero romance como forma de vincular ideais nacionalistas, assim

como indagações filosóficas e crenças religiosas a uma linha narrativa repleta de elementos comuns na estrutura do gênero.

Ainda assim, a subversão do romance causada nas configurações clássicas e elitistas da época foi um fator que causou reprovação de alguns setores. Na França e na Inglaterra a quantidade de pessoas que sabiam ler crescia, logo, por ser constituído de uma linguagem acessível aos povos menos instruídos e ser composto por enredos de fácil apreciação por se aproximarem da realidade cotidiana, o gênero expandiu sua popularidade de modo exponencial e fez com que a leitura não se limitasse apenas às classes eruditas, dando início a uma “revolução da leitura”.

Com todas essas mudanças no núcleo da elite europeia, houve um aumento significativo da procura por romances em livrarias e bibliotecas, por essa razão, nasceu uma demanda por obras cada vez mais inovadoras, colaborando com a valorização do fazer literário porque conseqüentemente surgiu uma maior demanda de produção dessas obras.

Da mesma maneira, em terras brasileiras, os leitores demonstravam interesse pelo gênero romance. Entretanto, havia organismos lusitanos de censura instalados no Rio de Janeiro, que eram responsáveis pelo impedimento de circulação de obras que pudessem ser consideradas propagadoras de ideias “nocivas”, porém, os habitantes que aqui viviam encontravam formas alternativas de ter acesso a essas produções.

Esses organismos de censura foram extensões do conceito das Mesas Censórias criadas em Portugal ainda no século XVIII. Abreu (2008) explica a relação entre os censores e o ofício, afirmando que o trabalho era bem mais difícil do que parecia, já que para uma obra ser aprovada para publicação, o censor teria que redigir um documento argumentativo e apresentar aos demais componentes da mesa, fundamentado em documentos que regulamentavam o que devia ser observado nas obras.

Abreu (2008, p. 279) reitera ainda que: “Por esses documentos ficavam cientes de que seu papel era zelar pela ortodoxia política, religiosa e moral dos escritos, impedindo a circulação dos que contivessem qualquer desvio em relação à norma.”

Apesar dos mecanismos de censura instaurados tanto em Portugal quanto, logo após, no Brasil, o romance resistiu, consolidando-se como o principal gênero narrativo até a contemporaneidade, ressaltando a evolução de sua configuração com o desenvolvimento do capitalismo e o mercado editorial, como podemos observar na tabela abaixo o aumento das publicações, se comparada com a década anterior.

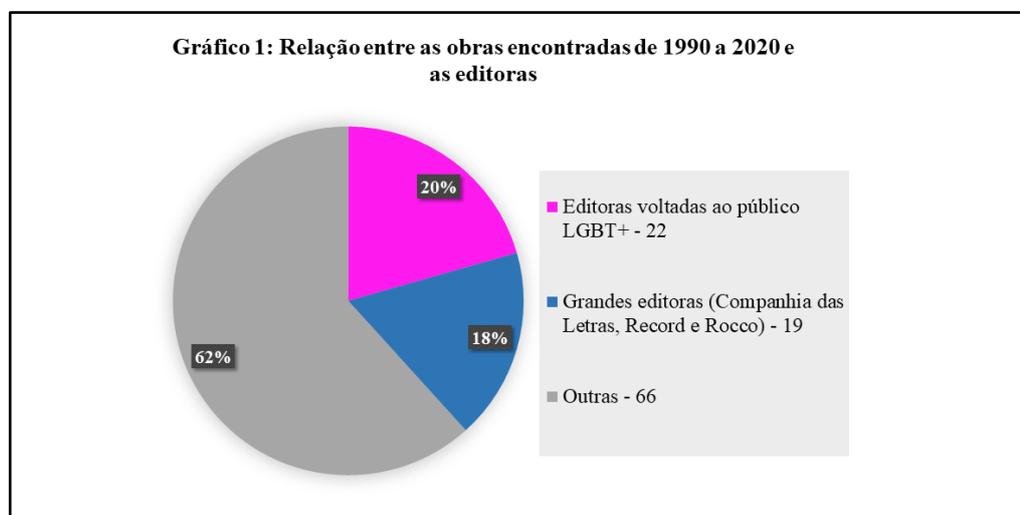
**Quadro 4: Obras encontradas do gênero romance que foram publicadas no contexto da década de 2010.**

<b>Título</b>	<b>Autor (a) (es) (as)</b>	<b>Ano</b>	<b>Editora</b>
59. <i>Do fundo do poço se vê a lua</i>	Joca Reiners Terron	2010	Companhia das Letras
60. <i>Meus dois pais</i>	Walcyr Carrasco	2010	Ática
61. <i>Olivia tem dois papais</i>	Marcia Leite	2010	Companhia das Letras
62. <i>O Homem Lésbico</i>	Helio Santos	2011	Global
63. <i>Tudo por você</i>	Georgina Martins	2012	Garamond
64. <i>Diário de uma garota</i>	Karina Dias	2012	Malagueta
65. <i>Tal Brazil, Queer Romance</i>	Antonio de Pádua	2012	Scortecci
66. <i>Sergio Y. vai à America</i>	Alexandre Vidal Porto	2012	Companhia das Letras
67. <i>O menino que brincava de</i>	Georgina Martins	2013	DCL
68. <i>O namorado do papai ronca</i>	Plínio Camillo	2013	Prólogo + Mundo Mundano
69. <i>As Sendas de Um Menino de Ouro</i>	Ricardo Neves Pessoa	2013	Biblioteca 24 horas
70. <i>Todos nós adorávamos</i>	Carol Bensimon	2013	Companhia das Letras
71. <i>Condicional</i>	Paulo Sergio Moraes	2013	All Print
72. <i>Luzes de emergência se acenderão automaticamente</i>	Luisa Geisler	2014	Objetiva
73. <i>Bem-te-vi</i>	Marli Porto	2014	Orgástica
74. <i>A festa</i>	Felipe Sales Mariotto	2014	Multifoco
75. <i>Graham: O continente</i>	A. Wood	2014	Selo Jovem
76. <i>Águas Turvas</i>	Helder Caldeira	2014	Quatro Cantos
77. <i>Por enquanto... outra</i>	Antonio de Pádua	2014	Scortecci
78. <i>Solidão continental</i>	João Gilberto Noll	2014	Record
79. <i>As fantasias eletivas</i>	Carlos Henrique Schroeder	2014	Record
80. <i>Espelho das cores</i>	Pedro Ivo	2015	Quântica Premium
81. <i>Nicotina Zero</i>	Alexandre Rabelo	2015	Hoo Editora
82. <i>Olho de boto</i>	Salomão Laredo	2015	Empíreo
83. <i>O cafuçu</i>	Marcos Soares	2016	Metanoia
84. <i>1+1 A matemática do amor</i>	Vinícius Grossos	2016	Faro
85. <i>Simpatia pelo demônio</i>	Bernardo Carvalho	2016	Companhia das Letras
86. <i>O amor dos homens avulsos</i>	Victor Heringer	2016	Companhia das Letras
87. <i>Homens elegantes</i>	Samir Machado de Machado	2016	Rocco
88. <i>Descobertas</i>	Nyna Simões	2016	Hoo Editora
89. <i>Volto quando puder</i>	Isa Prospero e Marcia Oliveira	2016	Hoo Editora
90. <i>Outra Cor para o Amor</i>	Mateus Melo	2016	-
91. <i>O ano em que morri em Nova York</i>	Milly Lacombe	2017	Planeta

92. <i>Stella Manhattan (reedição)</i>	Silviano Santiago	2017	Companhia das Letras
93. <i>Ninguém nasce herói</i>	Eric Novello	2017	Seguinte
94. <i>Moletom</i>	Julio Azevedo	2017	Globo Alt
95. <i>Outra Visita do Amor</i>	Mateus Melo	2017	-
96. <i>Quinze Dias</i>	Vitor Martins	2017	Globo Alt
97. <i>Supernormal</i>	Pedro Henrique Neschling	2018	Paralela
98. <i>Cloro</i>	Alexandre Vidal Porto	2018	Companhia das Letras
99. <i>Submerso</i>	Eduardo Cilto	2018	Outro Planeta
100. <i>Um milhão de finais felizes</i>	Vitor Martins	2018	Globo Alt
101. <i>Tal pai, tal filho?</i>	Georgina Martins	2019	Scipione
102. <i>Uma mulher no escuro</i>	Raphael Montes	2019	Companhia das Letras
103. <i>Controle</i>	Natalia Borges Polesso	2019	Companhia das Letras
104. <i>Conectadas</i>	Clara Alves	2019	Seguinte
105. <i>Cinco Julias</i>	Matheus Souza	2019	Seguinte
106. <i>Desmemória</i>	Thalita Coelho	2020	Pólen
107. <i>Fé no inferno</i>	Santiago Nazarian	2020	Companhia das Letras

Fonte: Panorama da literatura brasileira que tematiza a diversidade sexual no tempo presente (1990-2020)

No gráfico abaixo, podemos observar que dos 107 romances homoeróticos catalogados dentro do nosso recorte, ou seja, 30 anos, apenas 19 títulos foram publicados por grandes editoras, neste caso Companhia das Letras, Record e Rocco (DALCASTAGNÈ, 2012), enquanto 22 foram veiculados através de editoras voltada especificamente ao público LGBT+.



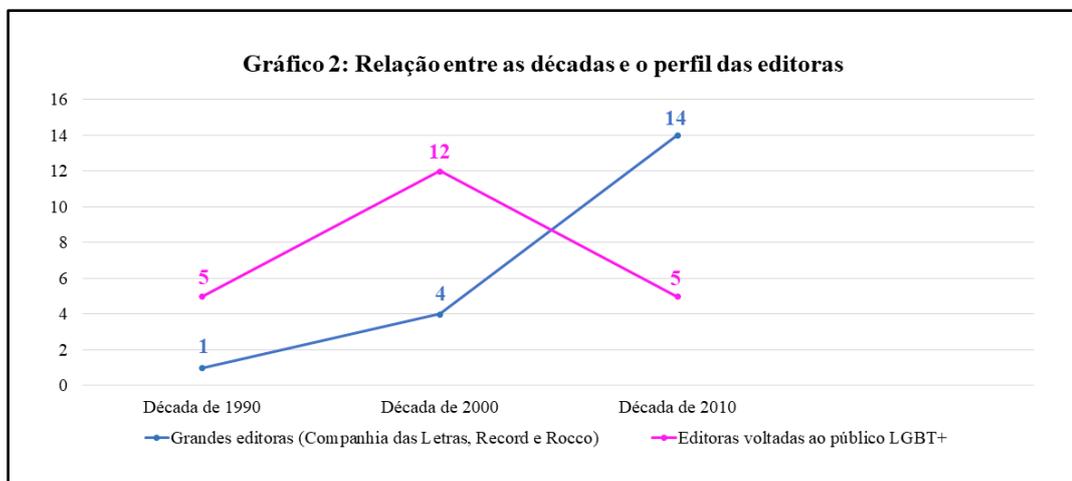
Fonte: Panorama da literatura brasileira que tematiza a diversidade sexual no tempo presente (1990-2020)

O cálculo para obtermos a porcentagem dos gráficos foi feito de forma automática por meio do software Microsoft Office Excel, de modo que das 107 obras mapeadas, obtivemos 18% por meio de três grandes editoras (Companhia das Letras, Record e Rocco) correspondente a 19 obras; 20% publicadas por editoras com foco no público LGBTQ+ equivalente a 22 produções e, por fim, 62% das publicações, que corresponde a 66 títulos, foram feitas por outras editoras:

Como exemplo da propulsão capitalista, cada vez mais potente, e agora, associada à maior procura de narrativas homoeróticas nas mídias e na literatura pelo público geral, a presença das grandes editoras é crescente ao longo das décadas. Nos primeiros dez anos de publicações que abrangemos, apenas 1 romance com temática homoerótica foi publicado por uma das grandes três editoras, consoante Dalcastagnè (2012). Na segunda década, o número cresceu para 4, e de 2010 a 2020, a quantidade subiu mais significativamente para 14 obras encontradas.

Por outro lado, as editoras focadas em temáticas e autores homoeróticos cresce de 5, na década de 90, para 12 títulos na década seguinte. É interessante observar que a maior parte desses romances, em ambas as décadas, foi publicada pelo selo GLS, da editora Summus, que ao longo do tempo foi reconhecida como peça importantíssima na publicização e comercialização das vivências homoeróticas. De 2010 a 2020, porém, esse número cai drasticamente e volta a 5 títulos, tendo em vista o fim do selo e o aumento das publicações por grandes casas editoriais.

O gráfico abaixo sintetiza os dados:



Fonte: Panorama da literatura brasileira que tematiza a diversidade sexual no tempo presente (1990-2020)

Podemos observar que, em contrapartida ao aumento das publicações pelas três grandes editoras, os números das editoras LGBTQ+ caem. Essa relação é inversamente

proporcional, tendo em vista que o interesse do primeiro grupo por temáticas homoeróticas tornou-se mais efetivo na última década (2010-2020), diante da abertura comercial para sujeitos de sexualidade excêntrica, e conseqüentemente, maior possibilidade de atingir expectativas mercadológicas por intermédio dessa comunidade.

### **Considerações finais**

Diante da expressividade dos resultados expostos, torna-se possível conceber o caráter duplamente subversivo de romances homoeróticos. Inicialmente, considerando a trajetória do gênero, marcada por práticas de censura em frente a uma nova forma de expressão desenhada fora dos padrões clássicos da literatura, e, por outro lado, tendo em vista o apagamento canônico da temática LGBT+ nos compêndios historiográficos da literatura brasileira através de critérios tendenciosos fundados em discursos elitistas, sexistas e homofóbicos.

Esse novo gênero consolidou-se na contemporaneidade como o gênero narrativo mais consumido e mais publicado pelo mercado editorial. Nossos dados transparecem o teor mercadológico que atingiu a identidade e a representação de sujeitos homoeróticos na literatura e mídias em geral, expressos no aumento do número de publicações ao longo das três décadas presentes no *corpus*.

Ainda assim, são avanços minúsculos se a proporção e o poder dessas editoras são levados em consideração. A quantidade de 20 títulos publicados no período de 30 anos por 3 editoras que dominam o mercado editorial é motivo de atenção, sabendo a influência delas sobre o público leitor e seu papel na publicização da temática homoerótica no contexto brasileiro.

Além disso, se faz interessante observar a dinâmica entre os produtos culturais e a história de uma sociedade, percebendo a complexidade dos fatores que compõem as múltiplas configurações sociais. Por meio da literatura, portanto, é possível contemplar as transformações socioculturais, principalmente quando estão relacionadas a eventos fundamentais na história do país, como o espectro repressivo durante o período do golpe militar e a epidemia de AIDS forjada como castigo divino por grupos religiosos e distorcida pela mídia sensacionalista.

Da mesma maneira em que a identidade homoerótica começou a surgir diante dessas zonas de obscurantismo intelectual, o gênero romance também passou por um processo de censura devido ao argumento referente à potencial permissividade dessas narrativas. Em ambos os casos, porém, podemos perceber como as práticas sociais mudam ao longo do

tempo, uma vez que o romance é o gênero mais consumido na atualidade eo desejo homoerótico vem sendo explorado com mais vigor pelo mercado literário.

Por fim, dentre as várias questões levantadas neste artigo, propomos corroborar com a discussão sobre a dessacralização da literatura enquanto fazer artístico, exatamente porque a supervalorização de obras em detrimento da exclusão de outras, em sua maioria, associadas a contextos marginais, impossibilita a mudança das estruturas desiguais, tendo em vista que “(...) os grupos que estão excluídos da voz literária são os mesmos que são silenciados nos outros espaços de produção do discurso – a política, a mídia, em alguma medida ainda o mundo acadêmico.” (ABREU, 2005, p. 64).

### Referências bibliográficas

- ABREU, Márcia. **Cultura Letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- ABREU, Márcia. **Trajatórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX**. Coleção Histórias de Leitura. Campinas (SP): Mercado das Letras, 2008.
- ABREU, Márcia; VASCONCELOS, Sandra; VILLALTA, Luiz Carlos; SCHAPOCHNIK, Nelson. **Caminhos do romance no Brasil: séculos XVIII e XIX**. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/caminhos.pdf>. Acesso em 05 de julho de 2020.
- AQUINO, Zélia Thomas de; BELLODI, Zina C; GONÇALVES, Magaly Trindade (orgs.). **Antologia comentada de literatura brasileira: Poesia e Prosa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- COELHO, Nelly Novaes. **Escritores Brasileiros do Século XX (um testemunho crítico)**. Taubaté, SP: Letras Selvagens, 2013.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n.º 26. Brasília, julho-dezembro de 2005, p. 13-71.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.
- FERNANDES, Carlos Eduardo A. **A narrativa homoerótica no cânone: omissão e censura**. In.: SILVA, A.P.D.; MORAIS, R.M.; SILVA, T.V.A. Interfaces: gênero, discursos, linguagens. São Paulo: Scortecci, 2014. p. 201-211.
- FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. **O desejo homoerótico no conto brasileiro do século XX**. São Paulo: Scortecci, 2015.
- FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. **Personagens travestis em narrativas brasileiras do século XX: Uma leitura sobre corpo e resistência**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.
- FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. Reflexões sobre a narrativa brasileira de temática gay: 1980-2009. In: **configurações homoeróticas na literatura**. SILVA, Antônio de Pádua Dias; CAMARGO, Flávio Pereira. São Carlos: Claraluz, 2009.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MOISÉS, Massaud. **A Literatura Brasileira Através dos Textos**. São Paulo, 2007.
- NEJAR, Carlos. **História da literatura brasileira: da carta de Caminha aos**



contemporâneos. São Paulo: Leya, 2011.

VERISSIMO, José. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.